



O ENFERMEIRO FRENTE AO PROCESSO DE RESILIÊNCIA DO PACIENTE EM TRATAMENTO HEMODIALÍTICO

THE NURSING ACTUATION ON THE RESILIENCE PROCESS OF THE PATIENT UNDER HEMODIALYSIS TREATMENT

Lucas Balbino Cardoso¹
Priscila Meyenberg Cunha Sade²

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo discorrer sobre a atuação do enfermeiro no processo de resiliência do paciente renal crônico em tratamento hemodialítico. Para a realização deste foi utilizada a revisão bibliográfica, que visa realizar revisões e análises de trabalhos já publicados disponibilizados em bibliotecas, páginas da internet e acervos pessoais. O tratamento hemodialítico gera impacto e mudanças significativas no modo de viver do paciente renal crônico, sendo muitas vezes difícil o enfrentamento dessa etapa em sua vida. Como o enfermeiro está perto de toda essa mudança cabe a ele auxiliar o renal crônico no processo de resiliência, atuando como educador e facilitador no processo terapêutico hemodialítico. Como conclusão ressalta-se o papel do enfermeiro como principal agente do processo de resiliência do paciente em tratamento hemodialítico, oferecendo maneiras de compreensão sobre a doença, a fim de que o paciente renal crônico desenvolva auto-responsabilidade, mudança de comportamento em relação ao seu estilo de vida e produção de esperança e perseverança que promovam a sua adaptação ao tratamento hemodialítico.

Palavras chaves: Paciente renal crônico, Profissional de enfermagem, Tratamento Hemodialítico e Resiliência.

ABSTRACT

This study under discussion has as objective to describe the nursing actuation on the resilience process of the chronic renal patient under hemodialysis treatment. To realize it, bibliographic revision was done to analyze published works available in library, internet archives and personal collections. The hemodialysis treatment causes impact and significant changes on the chronic renal patient way of living, being most of the cases, a difficult moment in life. As the nurse is close to every change, they must be able to support the patient under the resilience process, acting as an educator and facilitator under the therapy process. To conclude, it's important to highlight the nurse as the main agent of the resilience process on the hemodialysis treatment, offering the patient manners of comprehension about the illness to develop auto-responsibility, behavior changes related to life style, hope and perseverance to promote adaptation to the hemodialysis treatment.

Keywords: Chronic renal patient, Professional nursing, Hemodialysis treatment and resilience.

¹Docente do Centro de Educação Profissional Evangélico. Egresso do Curso de Enfermagem da Faculdade Evangélica do Paraná.

²Docente do Curso de Enfermagem da Faculdade Evangélica do Paraná.

Aprovado em: 05/03/2012

Autor para correspondência: Lucas Balbino Cardoso

Contato: zuluibc@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Dentre todas as doenças crônicas existentes no mundo, a doença renal crônica é uma das que mais impacto provoca, no modo de vida de seus portadores, devido à perda gradual e irreversível da função renal que, se não tratada, levará o paciente à morte⁽¹⁾.

A perda lenta e progressiva da função renal resulta em inúmeros processos adaptativos que, até certo ponto, mantém o indivíduo sem sintomas da doença, porém, quando a função renal atinge 50% de sua capacidade normal ocorre o surgimento dos primeiros sinais e sintomas como anemia leve, hipertensão, edema, nictúria; evoluindo; assim; para a perda total da função renal, sendo necessário o tratamento hemodialítico e posterior transplante. A indicação de diálise é feita quando a função renal é menor que 10%⁽²⁾.

Diante do diagnóstico de uma doença incurável o paciente com doença renal crônica se vê limitado fisicamente e emocionalmente. Para alguns indivíduos a vida passa a girar em torno da doença e do tratamento, enquanto para outros, a hemodiálise passa a representar uma esperança de vida diante da irreversibilidade da doença e na expectativa do transplante renal.

Uma das formas de tratamento de pacientes com doença renal crônica é a hemodiálise que visa a remoção de impurezas do sangue e o acúmulo de água na circulação sanguínea⁽³⁾. No entanto, a hemodiálise não promove a cura, não reverte a doença renal e nem é capaz de compensar as perdas das atividades endócrinas ou metabólicas dos rins; na verdade é um tratamento que visa a manutenção da vida dos pacientes⁽²⁾.

A hemodiálise obriga o paciente a ficar de 03 a 04 horas conectado a uma máquina, 03 vezes por semana, com isso, estes pacientes desenvolvem um estreito relacionamento com o profissional enfermeiro, o qual é o principal gerenciador do cuidado nessas unidades. Por este motivo e também porque o objeto da enfermagem está focalizado no cuidado às pessoas, os profissionais enfermeiros são as pessoas-chave para ajudar esses usuários no enfrentamento dos seus problemas⁽⁴⁾.

Providenciar uma oportunidade para o doente e a família falarem sobre seus sentimentos é um dos aspectos mais importantes dos cuidados de enfermagem. Os pensamentos relacionados com a morte e a preocupação com os tratamentos podem produzir uma ansiedade considerável⁽⁵⁾.

Diante do exposto, os cuidados de enfermagem visam, não somente procedimentos a ter no início e no final do tratamento, mas também o ensino ao tratamento de forma a permitir uma boa continuidade dos cuidados. O cuidado de enfermagem é um agente muito importante no processo de adaptação do renal crônico em tratamento hemodialítico, no processo de resiliência.

Sendo alvo de pesquisas, há aproximadamente 30 anos, e, mais intensamente nos últimos 5 anos, a *Resiliência* pode ser entendida como a capacidade do ser humano de superar positivamente as adversidades enfrentadas^(6,7,8).

A resiliência, infelizmente, é um tema pouco abordado na área da enfermagem, e a cada ano, estudos são realizados em diversos campos da saúde com o objetivo de entender a adaptação do paciente a uma determinada adversidade, incluindo o relacionamento com sua família e outros grupos que o mesmo participa em sua vida.

Segundo pesquisas da área da neurociência, ser resiliente seria desenvolver capacidades físicas ou fisiológicas que possibilitem a aquisição de competências de ação que permitem adaptar-se melhor a uma realidade cada vez mais imprevisível e agir adequadamente e rapidamente sobre ela⁽⁷⁾.

Durante a vida acadêmica, vivenciam-se experiências e criam-se certas percepções sobre o processo saúde/doença/cuidar, e percebe-se que para atingi-las é necessário um equilíbrio entre elas. Vendo que as mesmas em determinado momento podem se encontrar em desequilíbrio e isso, conseqüentemente, irá alterar a vida do indivíduo, em seu âmbito social, econômico, cultural e espiritual, podendo prejudicá-lo em suas tarefas corriqueiras. Isso fica em evidência quando o indivíduo é acometido por uma patologia, principalmente se for uma patologia crônica que provoca grande impacto desencadeando diversas mudanças no seu modo de vida.

A doença renal crônica seria um exemplo, na qual o paciente passa por diversas transformações e adaptações, sendo uma delas o tratamento hemodialítico. Este é um tratamento

O ENFERMEIRO FRENTE AO PROCESSO DE RESILIÊNCIA DO PACIENTE EM TRATAMENTO HEMODIALÍTICO

específico considerado muitas vezes, difícil, pelo fator da readaptação alimentar, abstinência a água, e procedimentos invasivos que o paciente normalmente tem que passar, entre outros fatores.

O enfermeiro é que acompanha todo o processo de adaptação do paciente em tratamento hemodialítico, fornecendo condições para que o mesmo possa promover ou desenvolver atitudes e ações que sejam benéficas ao tratamento; instigando a capacidade de superar as adversidades que o tratamento impõe.

A opção por estudar a resiliência sob a ótica do profissional enfermeiro, que passa por essa experiência dia-a-dia, justifica-se pelo fato de que, conhecendo o que melhor pode promover a capacidade do paciente em se adaptar a uma doença, pode-se melhor cuidá-lo, para assim, propiciar uma qualificação do cuidado.

Com isto surge a problemática de estudo: quais os mecanismos que o enfermeiro pode utilizar para favorecer o processo de resiliência do paciente renal crônico em tratamento hemodialítico?

Assim sendo, esta pesquisa tem como objetivo geral: Discorrer sobre a atuação do enfermeiro no processo de resiliência do paciente renal crônico em tratamento hemodialítico.

Para responder ao objetivo geral foram traçados os seguintes objetivos específicos: Descrever o que é doença renal crônica e tratamento hemodialítico; Conceituar resiliência; Articular resiliência, doença renal crônica e tratamento hemodialítico; Fornecer subsídios para identificação do enfermeiro de atitudes resilientes no paciente renal crônico em tratamento hemodialítico.

METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho foi utilizada a revisão bibliográfica de caráter quantitativo, que visa revisões e análises de trabalhos já publicados. Foram utilizados livros, resumos e artigos científicos, disponibilizados em bibliotecas, páginas da internet e acervos pessoais. É o exercício de ler, selecionar e arquivar trechos de temas de interesse para uma pesquisa⁽⁹⁾.

Para a realização da pesquisa, é necessário que uma metodologia seja aplicada, pois o método de pesquisa é a forma de articular teoria e realidade empírica. A pesquisa quantitativa atua nos níveis da realidade, e tem como campo de prática e objetivo fazer conhecer dados, indicadores e tendências observáveis, devendo ser utilizada para envolver grande número de dados, classificando-os e os tornando de fácil compreensão através de variáveis⁽¹⁰⁾.

Já a pesquisa de caráter bibliográfico consiste na possibilidade de cobertura de uma série de fenômenos de forma ampla. Realizar um trabalho desta estirpe serve para reunir dados publicados isoladamente em um conjunto de dados lógico e crítico⁽¹¹⁾.

Para realização e o bom andamento desta pesquisa seguiram-se as seguintes etapas: a delimitação do tema – problema, levantamento das bibliografias, leitura, documentação e fichamento, construção lógica do trabalho, redação do texto, construção de parágrafos e por fim a conclusão⁽¹²⁾.

Para que haja o resultado desejado na produção científica, a pesquisa bibliográfica exigirá o hábito, da organização e de selecionar os focos importantes da literatura escolhida⁽¹³⁾.

Assim, a seleção da literatura para a construção deste trabalho ocorreu primeiramente por meio dos descritores, para satisfazer as etapas e os objetivos elencados, foram utilizados as seguintes palavras chaves: paciente renal crônico, profissional de enfermagem, tratamento hemodialítico e resiliência. Depois os textos selecionados foram analisados por meio dos resumos, eleitos os pontos chaves e discutidos no presente estudo.

É importante deixar claro a relevância da pesquisa bibliográfica e de sua documentação, pois é desde os primórdios que a humanidade documenta os acontecimentos e seus conhecimentos. Assim facilitando a construção e organização política, cultural e social da humanidade⁽¹³⁾.

Para a construção deste artigo foram pesquisadas informações de bibliotecas públicas e pessoais, sites científicos e artigos indexados, nos meses de março a novembro perfazendo um total de 26 referências, destas dez são livros, quatorze são artigos e um é site científico.

REVISÃO DE LITERATURA

DOENÇA RENAL CRÔNICA E TRATAMENTO HEMODIALÍTICO

Em relação à saúde–doença, pode–se dizer que uma doença crônica é a que mais promove mudanças na vida do ser humano. Principalmente se for utilizado como exemplo a doença renal crônica, que pela sua fisiopatologia e pelo seu tratamento imposto gera importantes e significativas adaptações à vida do paciente.

Richard Bright foi o primeiro a descrever, em meados do século passado, a doença renal crônica como uma enfermidade letal que reunia vários elementos clínicos aparentemente desconexos⁽¹⁴⁾.

O cuidado à saúde das pessoas com doença renal crônica tem sido um grande problema na área saúde, abrangendo várias dimensões e representando o desafio a ser enfrentado no dia-a-dia, tanto para aqueles que vivenciam a situação quanto para os cuidadores⁽¹⁵⁾.

A doença renal crônica caracteriza-se pela perda da capacidade dos rins em filtrar o sangue, assim os produtos que são normalmente excretados na urina ficam acumulados no sangue desencadeando a uremia e afetando todos os sistemas do corpo. Ou seja, a doença renal crônica é a perda irreversível da capacidade do rim de manter o equilíbrio metabólico e hidroelétrólítico⁽²⁾.

Dentre as distintas modalidades de terapias empregadas para o tratamento da doença renal crônica, a hemodiálise é a mais utilizada. Sendo assim, é considerada como um procedimento complexo no qual a adequação de materiais e equipamentos, o preparo e a competência técnico-científica dos profissionais de enfermagem que dela participam são muito importantes para se evitarem riscos, garantindo melhores resultados na manutenção da vida e do relativo bem-estar do cliente⁽¹⁶⁾.

A hemodiálise é definida como um procedimento que filtra o sangue, retirando as impurezas que não são mais eliminadas fisiologicamente pelos rins. Normalmente são realizadas 03 sessões por semana, com duração de 03 a 04h⁽¹⁷⁾.

Os usuários da hemodiálise passam, em média, 40 horas mensais durante anos e anos na unidade de hemodiálise, ligados a uma máquina sendo acompanhados e monitorados pelo enfermeiro e a equipe de enfermagem⁽¹⁸⁾.

Os pacientes que se submetem à hemodiálise sofrem com uma multiplicidade de perdas relacionadas à: capacidade de desempenho do papel social; funções físicas; aparência corporal; autoestima; liberdade de locomoção entre grandes distâncias por dependerem da máquina de diálise; área financeira pela não manutenção de seu trabalho e remuneração habitual; entre outras doenças⁽⁴⁾.

Desta maneira o profissional enfermeiro tem um papel fundamental, pois é ele que atua continuamente muito próximo ao paciente, não apenas como aquele que realiza o cuidado, mas também como educador no incentivo a uma melhor aceitação desse tratamento crônico, bem como das complicações advindas da doença.

Assim, o paciente renal crônico estabelece um vínculo de dependência à máquina e ao profissional enfermeiro. Pois, ele é obrigado a assumir uma rotina rigorosa para a sua sobrevivência. Com isto, além de gerar grande desgaste físico, mental e emocional, ele é obrigado a conviver com uma dura realidade: o fato de possuir uma doença incurável que o impõe a um tratamento doloroso de duração e prognóstico incertos que, somado a progressão da doença, ocasiona mudanças significativas na sua vida e na vida das pessoas que o acompanham.

O enfermeiro nesta etapa irá ajudar no tratamento do paciente aumentando seu conforto, aliviando o sofrimento, prevenindo e limitando possíveis lesões e seqüelas e fornecendo subsídios de atitudes resilientes para o enfrentamento desta situação que está sendo vivenciada⁽¹⁹⁾.

A esse enfrentamento dá-se o nome de resiliência que será discutida de maneira mais aprofundada nos próximos sub-capítulos.

O ENFERMEIRO FRENTE AO PROCESSO DE RESILIÊNCIA DO PACIENTE EM TRATAMENTO HEMODIALÍTICO

RESILIÊNCIA

Nesse contexto, surge com relevante expressividade o conceito de Resiliência, do latim, *Resiliens*, que significa saltar para trás, voltar ⁽⁶⁾.

Diferentemente de sua definição no campo da física, que sugere que a resiliência seria correspondente à energia de deformação máxima que o material é capaz de armazenar sem que sofra deformações permanentes, a definição nas relações sociais ainda não é concreta, abrindo margem a estudos e reflexões que contribuam para um maior direcionamento e possibilitem o emprego desse atributo de forma consciente e produtiva, no entanto, alguns estudos já arriscam traçar características e condições para o desenvolvimento do “ser humano resiliente” ⁽²⁰⁾.

Tanto no campo profissional quanto no pessoal, pessoas são expostas a situações semelhantes, podendo reagir de formas opostas, havendo os que enxergam as dificuldades como barreiras e por elas se deixam abater, assim como há os que enxergam as dificuldades como degraus, delas se utilizando para crescer profissional e pessoalmente ⁽²¹⁾.

Tomando-se o termo emprestado das ciências físicas, em que Resiliência traduz-se pela capacidade do material em absorver impactos, nas ciências sociais, ele se define como a capacidade do ser humano de reagir a adversidades, no entanto, cabe ressaltar que, nas ciências exatas, a Resiliência pode ser medida através de cálculos matemáticos, ao passo que, nas ciências humanas, o conceito carrega certa relatividade ^(6, 22, 20).

Pela origem inglesa, *Resilient*, remete à idéia de elasticidade e capacidade rápida de recuperação, voltando à pessoa ao seu estado inicial, após cessar o período da adversidade. Dessa forma, fica claramente diferenciado este termo do vocábulo invulnerabilidade, pois, não se trata de resistência absoluta às adversidades, nem tampouco significa que o indivíduo saia ileso da crise ^(6, 20).

A exploração da Resiliência tem sido guiada por estudos que, por mais que considerem populações-alvo diferentes, demonstram concordância ao relacionarem o desenvolvimento da habilidade a fatores de risco e de proteção, e, ainda, consideram a inter-relação de fatores genéticos, culturais, ambientais e outros. Como produtora de tais fatores, há que se avaliar, individual e criteriosamente, os eventos e condições de vida do indivíduo, como proporcionadores ou não de Resiliência ⁽²³⁾.

Para Rutter, um dos principais estudiosos sobre a Resiliência, citado constantemente nas publicações a respeito, refere-se à maneira como a pessoa lida com as transições e mudanças de sua vida, o sentido que ela mesma dá às suas experiências, e como ela atua diante de circunstâncias adversas, e que essa pretensão pode ser alcançada através, da educação e de uma formação que a torne mais flexível e preparada para as situações da vida, colocação que nos conduz a novo ponto de convergência entre os autores: a possibilidade de desenvolvimento de habilidades de reorganização, adaptação e superação ^(6, 7, 22).

A RESILIÊNCIA E O PACIENTE RENAL CRÔNICO EM TRATAMENTO HEMODIALÍTICO

A psicologia e a sociologia descrevem a resiliência, como uma qualidade, uma capacidade das pessoas, individualmente ou em grupo, resistirem a situações adversas sem perderem o seu equilíbrio inicial, isto é, a capacidade de se acomodar e se reequilibrar constantemente. A resiliência relaciona-se com os eventos negativos de vida, e que, quando presentes, aumentam a probabilidade de o indivíduo apresentar problemas físicos, sociais ou emocionais ⁽⁷⁾.

O diagnóstico da doença renal crônica e o seu tratamento, geralmente produzem transtornos psicológicos resultantes dos próprios sintomas da doença, assim como das percepções que o paciente e sua família têm da doença e do seu estigma. Os pacientes têm medos em comum: a morte; a dependência do companheiro ou companheira, da família, do tratamento hemodialítico, da equipe de enfermagem e do médico; a mudança na imagem corporal com a desfiguração, as vezes resultando na perda ou na mudança da função sexual e as incapacidades que interferem na

O ENFERMEIRO FRENTE AO PROCESSO DE RESILIÊNCIA DO PACIENTE EM TRATAMENTO HEMODIALÍTICO

realização do trabalho ou lazer; assim como a ruptura das relações interpessoais; desconforto ou dor nos estágios avançados, no período do tratamento hemodialítico ⁽²⁴⁾.

No tratamento hemodialítico em pacientes renais crônicos a aplicação do conceito de resiliência cria possibilidades de reflexão, além da ampliação nos modos de ver e fazer o exercício assistencial e gerencial de enfermagem ⁽²⁴⁾.

Apesar das pesquisas sobre resiliência na área da enfermagem serem escassas, a resiliência é um tema relevante na Nefrologia, pois a doença renal crônica, qualquer seja sua etiologia é reconhecida como uma doença crônica degenerativa, caso não ocorra o transplante renal, independente de classe social, cultura ou religião.

O impacto do diagnóstico da doença renal crônica é em geral abalador, levando em consideração o transtorno psicológico produzido e todo o processo hemodialítico, pois apesar dos avanços terapêuticos que asseguram sua remissão permitindo uma melhoria na taxa de sobrevivência e qualidade de vida, permanece o estigma de doença relacionada com a desesperança, com a dor, a incapacidade e medo e a morte ⁽²⁴⁾.

Considerando de maneira única cada indivíduo renal crônico as formas de expressão frente ao diagnóstico da doença, bem como no início da terapia do tratamento hemodialítico podem ser percebidas: três fases distintas. Primeiramente a fase de incredulidade, negação ou desespero é comum, e geralmente permanece de dois a cinco dias. A segunda fase, a disforia, que ocorre em torno de uma ou duas semanas, caracterizada por ansiedade, depressão, anorexia, insônia e irritabilidade, onde, a habilidade para se concentrar e realizar as atividades da vida diária acaba sendo prejudicada. E por fim, a terceira fase de adaptação que ocorre várias semanas após o tratamento hemodialítico quando o paciente renal crônico começa a se integrar com novas informações, confronta a realidade, encontra razões para o otimismo e reassume suas atividades ⁽²⁴⁾.

A princípio destas considerações colocar a resiliência como instrumento para o entendimento do que se passa no contexto biopsicossocial e espiritual do paciente renal crônico em tratamento hemodialítico acaba sendo um desafio, devido à escassez de abordagens da temática, porém não deixa de lado sua importância na recuperação desse paciente.

O tratamento hemodialítico do paciente renal crônico é de alta complexidade: organizacional, assistencial e gerencial, com isto o conceito de resiliência constitui um instrumento de enfrentamento que contribui de maneira efetiva para a assistência em saúde no tratamento deste cliente.

A ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO FRENTE À RESILIÊNCIA DO PACIENTE RENAL CRÔNICO EM TRATAMENTO HEMODIALÍTICO

A resiliência é definida como a capacidade de responder de forma mais consistente as dificuldades e aos desafios, reagindo com flexibilidade e capacidade de recuperação diante desses desafios e circunstâncias desfavoráveis ⁽⁷⁾.

O indivíduo resiliente apresenta uma atitude perseverante e otimista, mantendo um equilíbrio dinâmico durante e após os embates do tratamento frente a doença, possibilitando a si mesmo superar as pressões de seu mundo, desenvolvendo um auto-conceito realista, autoconfiança e um senso de auto-proteção que não desconsidera a abertura ao novo, à mudança, ao outro e à realidade subjacente.

Na enfermagem, a aplicação do conceito de resiliência cria possibilidades de reflexão, além da ampliação nos modos de ver e fazer o exercício assistencial e gerencial de enfermagem. A resiliência tem sido abordada na enfermagem e em outras áreas do conhecimento, com o enfoque na compreensão do estabelecimento da relação entre fatores de risco/vulnerabilidade e fatores de proteção inerentes ao indivíduo e ao ambiente, ante o enfrentamento das situações cotidianas ⁽²²⁾.

A resiliência no tratamento hemodialítico consiste na adaptação do paciente às limitações biopsicossociais impostas pela doença renal crônica. O profissional enfermeiro deve ser o principal agente facilitador desse processo, uma vez que ele pode compreender e oferecer conhecimentos

O ENFERMEIRO FRENTE AO PROCESSO DE RESILIÊNCIA DO PACIENTE EM TRATAMENTO HEMODIALÍTICO

sobre a doença, a fim de que o paciente desenvolva auto-responsabilidade, mudança de comportamento em relação ao seu estilo de vida, esperança, perseverança e alegria de viver⁽²⁵⁾.

Partindo destes conceitos é necessário ressaltar que não basta o enfermeiro ficar somente preocupado com a utilização de recursos tecnológicos e adequação estrutural dos serviços de hemodiálise. É de suma importância que este profissional compreenda o paciente renal crônico como uma pessoa singular que possui sua forma de pensar, agir e sentir, oferecendo maneiras que possam promover a sua adaptação ao tratamento hemodialítico⁽¹⁶⁾.

É de fundamental importância ajudar as pessoas a descobrir as suas capacidades, aceitá-las e confirmá-las positiva e incondicionalmente é, em boa medida, a maneira de torná-las mais confiantes e resilientes para enfrentar a vida do dia-a-dia por mais adversa e difícil que se apresente. Portanto a resiliência não deve ser apenas um atributo individual do paciente, ela tem que estar presente no serviço e no enfermeiro como gerenciador do cuidado, desenvolvendo, assim, uma assistência de enfermagem mais resiliente⁽⁷⁾.

Desta forma é importante que o enfermeiro avalie periodicamente o nível de adaptação do paciente renal crônico em tratamento hemodialítico, informando sobre outras modalidades de tratamentos, vantagens e desvantagens e quais as probabilidades de mudança de tratamento⁽¹⁷⁾.

O enfermeiro necessita ter, além da fundamentação científica e da competência técnica, conhecimentos dos aspectos que levam em consideração os sentimentos e as necessidades dos pacientes renais crônicos em tratamento hemodialítico. Assim, o papel do enfermeiro é destacado, tem grande contribuição nas mudanças de estilo de vida do paciente renal crônico⁽²⁵⁾. Pois o enfermeiro exerce sua função de educador em saúde e facilitador da adaptação deste paciente, tornando-o membro ativo no processo saúde-doença, possibilitando a eficiência do tratamento hemodialítico⁽¹⁷⁾.

O papel do enfermeiro, em suma, está em buscar o mais alto estado de bem estar para o paciente renal crônico em tratamento hemodialítico, dentro de suas possibilidades, respeitando sua individualidade e opções, buscando assisti-lo holisticamente, dentro do complexo biopsicossocial e espiritual, tendo em mente que, no tratamento hemodialítico, o principal responsável pelo sucesso do tratamento será o próprio paciente⁽¹⁷⁾.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desta pesquisa foi discorrer sobre a atuação do enfermeiro no processo de resiliência do paciente renal crônico em tratamento hemodialítico, para tanto foi utilizada a revisão bibliográfica.

O paciente renal crônico em tratamento hemodialítico tem impostos na sua rotina novos hábitos e um novo estilo de vida. Além de passar mais de 40 horas mensais de sua vida em uma unidade de hemodiálise preso a uma máquina para sua própria manutenção, o mesmo tem perdas biopsicossociais, que geram certos transtornos psicológicos, como medo da morte, da dependência do companheiro ou companheira, da família, do tratamento hemodialítico, do médico e do enfermeiro, desfiguração da sua própria imagem, desconforto ou dor no período do tratamento hemodialítico e perdas no seu contexto social.

Com isto, a aplicação do conceito de resiliência para o enfermeiro gera uma nova oportunidade de ver e fazer o exercício assistencial e gerencial de enfermagem no tratamento hemodialítico em paciente renais crônicos.

É imprescindível o enfermeiro considerar o renal crônico como um indivíduo singular, sabendo que o mesmo tem formas de expressão frente ao diagnóstico da doença, assim como no início do tratamento hemodialítico, sendo mais comum, primeiramente, a fase de negação ou desespero, seguido pela segunda fase de disforia e por final a terceira fase o confronto com a realidade.

A resiliência no tratamento hemodialítico consiste na adaptação do renal crônico as limitações impostas devido a terapia hemodialítica e o profissional enfermeiro é o principal agente

O ENFERMEIRO FRENTE AO PROCESSO DE RESILIÊNCIA DO PACIENTE EM TRATAMENTO HEMODIALÍTICO

facilitador no processo de resiliência, oferecendo maneiras de compreensão sobre a doença, a fim de que o paciente renal crônico desenvolva auto-responsabilidade, mudança de comportamento em relação ao seu estilo de vida e produção de esperança e perseverança que possam promover a sua adaptação ao tratamento hemodialítico.

Acredito que esse processo só será efetivo e de suma importância se o enfermeiro impregnar na sua rotina a avaliação periódica do nível de adaptação do paciente renal crônico em tratamento hemodialítico, oferecendo a ele informações sobre o tratamento como novas modalidades, vantagens e desvantagens da terapia, atuando como educador e facilitador no processo de resiliência do paciente renal crônico em tratamento hemodialítico.

Concluo que o enfermeiro é responsável por tornar o paciente renal crônico membro ativo no processo saúde doença em seu tratamento hemodialítico, por meio de treinamento e conscientização do mesmo. Sendo assim, a resiliência não deve ser apenas atributo do paciente e, sim, estar presente na prática profissional do enfermeiro que é o gerenciador do cuidado.

Portanto, relato a necessidade de futuras pesquisas que abordem em específico a atuação do enfermeiro frente ao processo de resiliência do paciente renal crônico em tratamento hemodialítico, bem como novas pesquisas que compreendam medidas resilientes que possam ser utilizadas na prática cotidiana do enfermeiro para um cuidado mais efetivo a estes pacientes.

Saliento a relevância deste tema nos conteúdos curriculares e extracurriculares dos cursos da área da saúde para que os novos profissionais estejam capacitados a reconhecer e atuar frente a situações de adversidade na vida do paciente renal crônico em tratamento hemodialítico.

REFERÊNCIAS

1. Riella MC. Princípios de nefrologia e distúrbios hidroeletrólitos. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 1996.
2. Fermi MR. Manual de diálise para enfermagem. São Paulo: Medsi; 2004.
3. Perso P. Hemodiálise. [capturado em: 20 set 2010]. Disponível em: <http://www.perso.com.br>.
4. Paim L, Silva DGVS, Trentini M, Vieira RM, Koschnik Z. Tecnologias e cuidado de enfermagem a pessoas em tratamento de hemodiálise. 2006. [capturado em: 15 set 2010]. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/viewFile/5051/3256>.
5. Carreira L, Marcon SS. Cotidiano e trabalho: concepções de indivíduos portadores de insuficiência renal crônica e seus familiares. Revista Latino Americana de Enfermagem. 2003 nov./dez.; 11(6): 823-31.
6. Pinheiro DPN. A resiliência em discussão. Psicologia em Estudo. 2002; 1(9): 67-75.
7. Tavares JA. Resiliência na sociedade emergente. In: Tavares J, Yunes MAM, Szymanski H, Pereira MAS, Simões HR, Castro MACD. Resiliência e educação. 2.ed. São Paulo: Cortez; 2001. p. 43-75.
8. Taboada NG. Resiliência: em busca de um conceito. Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano. 2006 [capturado em: 18 ago. 2010; 16(3): 104-13. Disponível em: http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822006000300012&lng=pt&nrm=iso. Acessado em 18 de agosto de 2010 as 17:43.
9. Moraes IN. Elaboração da pesquisa científica. 3. ed. São Paulo: Atheneu; 1990.
10. Minayo MCS. (org). Pesquisa social. 3. ed. Petrópolis: Vozes; 1996.

O ENFERMEIRO FRENTE AO PROCESSO DE RESILIÊNCIA DO PACIENTE EM TRATAMENTO HEMODIALÍTICO

11. Lakatos E, Marconi MA. Técnicas de pesquisa. 3. ed. São Paulo: Atlas; 1996.
12. Severino AJ. Metodologia do trabalho científico. 22. ed. São Paulo: Cortez; 2002.
13. Fachin M. Os fundamentos de metodologia. 4. ed. São Paulo: Saraiva; 2003.
14. Zatz R. Fisiopatologia renal. 2. ed. São Paulo: Atheneu; 2000.
15. Terra FS, Costa AMDD, Costa RD, Costa MD. Os sentimentos apresentados pelos renais crônicos durante a permanência na clínica de hemodiálise. *Revista Enfermagem Atual*. 2008 jul/ago; 46(7): 14-21.
16. Lima AFC, Gualda DMR. Reflexão sobre a qualidade de vida do cliente renal crônico submetido à hemodiálise. *Nursing–Revista Técnica de Enfermagem*. 2000 nov; 3(30): 20-3.
17. Silva HG, Silva MJ. Motivações do paciente renal para a escolha a diálise peritoneal ambulatorial contínua. *Revista Eletrônica de Enfermagem*. 2003 5(1); 10–4.
18. Trentine M, Corradi EM, Arraldi MAR, Tigrinho FC. Qualidade de vida de pessoas dependentes de hemodiálise considerando alguns aspectos físicos, sociais e emocionais. *Revista Texto e Contexto em Enfermagem*. 2004 jan./mar; 13(1): 74-82.
19. Puntillo KA, Schell HM. Segredos em enfermagem na terapia intensiva: respostas necessárias ao dia-a-dia nas unidades. Porto Alegre: Artmed; 2005.
20. Yunes MAM, Szymanski H. In: Tavares J, Yunes MAM, Szymanski H, Pereira MAS, Simões HR, Castro MACD. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. eds. Resiliência e educação. 2. ed. São Paulo: Cortez. 2001. 13-42.
21. Barlach L, Limongi-França AC, Malvezzi S. O conceito de resiliência aplicado ao trabalho nas organizações. *Interam J Psychol*. [capturado em: 2008 [capturado em 27 set 2010]; 42(1): 101-12. Disponível em: http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-96902008000100011&lng=pt&nrm=iso.
22. Sória DAC, Santoro DC, Souza IEO, Menezes MFBm, Moreira MC. A resiliência como objeto de investigação na enfermagem e em outras áreas: uma revisão. *Esc Anna Nery R Enfermagem*. 2006; 10(1): 547-51.
23. Barreira DD, Nakamura AP. Resiliência e a auto-eficácia percebida: articulação entre conceitos. *Aletheia*. 2006 [capturado em: 18 ago 2010]; 23: 75-80. Disponível em: http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942006000200008&lng=pt&nrm=iso.
24. Sória DAC, Bittencourt AR, Menezes MFB, Sousa CAC, Souza SR. Resiliência na área da Enfermagem em Oncologia. *Acta paul. enferm*. [online]. 2009; 22(5): 702-6.
25. Casagrande LDR, Cesarino CB. Paciente com Insuficiência Renal Crônico em Tratamento Hemodialítico. *Atividade Educativa do Enfermeiro*. *Revista Latino Americana de Enfermagem*. 1998 out.; 6(4): 31-40.